

# **A ORIENTAÇÃO VALORATIVA COMO EXPLICAÇÃO DAS ATIVIDADES DOS HÁBITOS DE LAZER EM JOVENS BRASILEIROS: UM ESTUDO EM TERMOS DAS BASES NORMATIVAS DA DIVERSÃO**

**THE ORIENTATION OF THE HUMAN VALUES AS EXPLANATION OF THE  
HABITUAL LEISURE ACTIVITIES IN BRAZILIAN YOUTHS:  
A STUDY IN TERMS OF THE NORMATIVE BASIS OF THE ENTERTAINMENT**

(2006)

**Nilton Soares Formiga**

Mestre em psicologia social pela universidade Federal da Paraíba.  
Atualmente é professor substituto no departamento de psicologia da Universidade Federal da Paraíba.

**Joseane A. G. Araújo**

**Daiana M. Vitória**

**Melina M. Miranda**

Alunas do curso de Psicologia na Universidade Federal da Paraíba

Contactos do autor:

[nsformiga@yahoo.com](mailto:nsformiga@yahoo.com)

---

## **RESUMO**

As discussões a respeito da qualidade de diversão vivida pelo jovem vêm sendo um motivo de preocupação na escola, família e clubes de recreação. Independente do tipo se questiona até que ponto estas atividades promovem comportamentos que venham a inibir a quebra de normas sociais e qualificar a relação interpessoal e formação de valores humanos, visando uma produção benéfica quanto aos fatores psicológicos e sociais no jovem. Os estudos sobre valores têm trazido grandes contribuições na explicação dos fenômenos sociais, principalmente por este construto ser capaz de orientar o comportamento dos indivíduos. 710 jovens, ambos os gêneros e idade entre 11 e 22 anos responderam o questionário dos valores humanos básicos e das atividades dos hábitos de lazer. A partir de uma regressão linear, a função psicossocial de experimentação predisse os hábitos hedonistas, os quais visam o próprio prazer; já a normativa, interacional e suprapessoal predisseram diretamente os hábitos instrutivos, os quais direciona o sujeito a formação cultural e intelectual. Com isso, os valores visam o cumprimento das normas sociais, sendo capazes de inibir comportamentos socialmente indesejáveis que venham ocorrer nessas atividades.

**Palavras-chave:** Valores humanos; Hábitos de lazer; Análise de regressão

## ABSTRACT

The quarrels regarding the quality of diversion lived for the young come being a reason of concern in the school, family and clubs of recreation. Independent of the type of questions until point these activities promote behaviors that come to inhibit the social norm in addition and to characterize the interpersonal relation and formation of human values, aiming at a beneficial production how much to the psychological and social factors in the young. The studies on values have brought great contributions in the explanation of the social phenomena, mainly for this building to be capable to guide the behavior of the individuals. 710 young, both the gender and age among 11 and 22 years had answered the questionnaire of basic human values and the activities of the leisure habits. From a linear regression, the psychosocial function of experimentation predicted the hedonistic habits, which aim at the proper pleasure; already normative, interactional and the interpersonal one had directly predicted the instructive habits, which direct subject to the cultural and intellectual formation. With this, the values aim at the fulfilment of the social norms, being capable to inhibit behaviors socially undesirable that they come to occur in these activities.

**Keywords:** Human values; Habits of leisure; Analysis of regression

---

## INTRODUÇÃO

As discussões a respeito da diversão, sua função e aplicação aos mais diversos setores da sociedade, por exemplo, desde escola, família, clubes de recreação a espaços urbanos, além de ser muito extensa e não é algo recente (ver Dumazedier, 1974/1999; Requixá, 1971). De fato, não somente devido ao avanço das cidades, mas também as novas formas de incentivo ao ato de se divertir que a sociedade atual vem salientando, promovendo assim, reflexões quanto a forma de lazer que os adolescentes buscam viver. Seja das atividades mais comuns, como é o caso do esporte em geral ou as mais avançadas, por exemplo, vídeo game, jogos para computadores, etc., é possível questionar até que ponto elas são promotoras de comportamentos normativos, condição de uma relação interpessoal concreta e de mudança de crenças, atitudes e valores ao invés da busca do próprio êxito e emoção (Munné & Codina, 1992), visando uma produção benéfica quanto aos fatores psicológicos e sociais (Codina, 1989) no jovem.

A partir destas questões levantadas, percebe-se quanto os tipos e tempos a que se destina aos momentos de diversão ocupada praticamente por todos os jovens vem se caracterizando como um grande problema, pois na maioria das vezes tais condições de lazer, não satisfazem aos pais e até professores, contrariando a institucionalização do limite e formação de normas e comportamentos sociais. Da mesma maneira, os jovens também não se sentem suficientemente satisfeitos com a diversão, isto é, não se sentem livres o bastante para buscar o prazer e sensação real do divertimento.

De fato, ocupar-se com alguma coisa pressupõe que o indivíduo venha a ter satisfação com o que está fazendo. Ademais, cada pessoa poderá apresentar uma forma de passar seu tempo quando não se faz nada, principalmente, diante do cumprimento de seus afazeres e compromissos cotidianos, podendo assim, tornar-se um hábito o qual poderá ser uma meta a seguir, devendo atender as necessidades básicas: repouso, diversão e enriquecimento sócio-intelectual (ver Leite, 1995; Werneck, 2000).

Com isso, a prática de tal hábito poderá orientar o indivíduo a certas atividades de lazer diferenciadas, as quais podem ir da leitura, passeio com amigos, visitas familiares ao abuso de bebidas, etc. Para que isto se torne eficiente em relação à socialização e inibição de conflitos tanto com seus grupos de identificação (pais, familiares, professores e amigos, etc.) quanto consigo mesmo, é necessário que estas atividades possam promover um reconhecimento no que diz respeito à aceitação e prática social na escolha da diversão ideal (Argyle, 1991; Formiga, Gouveia & Ghizoni, 2003), que por sua vez estejam centradas nos valores que estes sujeitos priorizem.

Assim, estas atividades devem apresentar atitudes favoráveis que enfatize mais o SER do que o TER (Marcellino, 2000), não podendo ser compreendido em termos do determinismo comportamental, pois não somente o contexto (Myers, 1999), mas a própria relação que esses sujeitos tem com seus grupos e a orientação cultural que os mesmos oferecem a esses jovens serão capazes de influenciar seus comportamentos, permeando uma perspectiva psicossocial (Formiga, 2004).

Ao caracterizar um jovem como desinteressado culturalmente ou desqualificado em relação aos tipos de diversão, o que parece não ser tão viável, devido justamente, não somente se tratar das normas e valores que o orientam (Formiga, Queiroga, Socorro, Gouveia & Milfont, 2001), mas também, dos fatores de personalidade (Argyle, 1992; ver Formiga, Teixeira, Curado, Lüdke & Oliveira, 2003; Formiga, Teixeira, Fachini, Curado & Lüdke, 2003), podendo vir a apresentar uma relação bem próxima para explicar o comportamento.

Isso permite refletir quanto às atitudes desses garotos perante as pessoas mais velhas, objetos do patrimônio nacional, etc., sendo manifestado com grande desrespeito e descaso. Essas condutas, na maioria das vezes, são justificadas em termo da liberdade de expressão, diversão e lazer e até da evolução do pensamento e aberturas as novas experiências (Formiga, Gouveia,

Lüdke, Teixeira & Santos, 2002), fazendo com que eles passem a elaborar explicações do tipo: “as pessoas mais velhas não tem o mesmo interesse ou disposição que nós temos; o tempo dos adultos já passou; ou até, as brincadeiras dos adultos não são muito animadas ou interessantes, etc”, porém, parece ser bem mais complexa inferindo tanto fatores psicológicos quanto psicossociais.

Tais considerações convergem para a proposta elaborada por Espinosa (2000). Para esse autor, o hábito de lazer, especificamente do tipo vídeo game e programas de televisão, têm levado os jovens a se privarem de situações reais na sua própria vida, não os pondo em conflito com seus valores ou até promover através deles uma auto-confrontação (ver Rokeach, 1973). Ainda para o mesmo autor, tais jogos apresentam apenas um objetivo, o da eliminação de alguém ou algo, o que faz com que os conflitos comuns da idade pré-adolescente ou adolescente não venha a emergir, pois, tal fato se faz necessário para efeito de comparação entre suas escolhas, bem como, o que estas podem trazer para o indivíduo. Desta maneira, não sendo percebida pelos mesmos a necessidade de mudança tanto no desenvolvimento individual quanto em sua habilidade social, o jovem se torna desprovido da vivência de novas fases em sua vida, levando-o a institucionalizarem um lazer característico da sua própria fase, apontando apenas para o rompimento das normas sociais.

Ter um lazer ou horas para se divertir não é errado e muito menos impróprio, o fato está na qualidade deste, pois certos hábitos podem ser, reciprocamente, diversão e formação sócio-cultural; estudar, ler, fazer exercícios pode se relacionar com o êxito escolar (Formiga, Gouveia, Omar, Ferreira & Prestes, 2002) e uma qualidade de vida, bem como, a maturidade do próprio jovem. O problema está na direção que essas atividades de diversão tem tomado, pois se deve considerar a idade deles, sua capacidade e adequação da escolha do lazer (Fonta, 1997), como também, analisar os tipos de comportamentos que surgem constantemente como nova forma de lazer, podendo compreender as necessidades dos indivíduos e programas que orientem e avaliem tais comportamentos, o que já tem sido feito nos EUA (ver Codina, 1997).

Para Blauwkamp e Shiner (1996) uma das soluções está na formação sócio-educacional desenvolvida numa prática entre os jovens, levando tanto a satisfação no lazer quanto na vida diária. Shiner e Valerius (1996) enfatizam a diferença entre o grau de importância que os jovens dão a família e amigos e sua participação na diversão em cada grupo com eles, podendo ser modificado significativamente o estilo de vida diante do tipo e modo de lazer que ambos venham assumir.

Isto leva a pensar, de acordo com Reixá (1971), que ao identificar o lazer como de fato deve ser, é necessário que este apresente a função de descanso, divertimento e desenvolvimento da personalidade, podendo seguir algumas características consideradas básicas, por exemplo: espontaneidade e liberatória – esta tem o caráter das atividades realizadas em sociedade e sujeita a relação interpessoal, ser capaz de liberar os indivíduos das obrigações primárias junto a família, escola, etc, e principalmente não ter fim lucrativo; hedonista - tem o objetivo de promover a

satisfação pessoal e sua recompensa psicológica ou física; por fim, a de caráter pessoal – esta deve responder as necessidades básicas do indivíduo diante de suas obrigações sociais libertando da fadiga, tédio, a automatização etc.

Considerando o tempo de lazer, este pode ter outros significados, por exemplo, ociosidade, tempo livre etc., podendo se apresentar como um fenômeno ambivalente e multiforme, considerado como fonte de recreação quando é compreendido a partir do seu contexto sócio-histórico, bem como, aborda-lo em relação a sua função humanizadora, neste caso deve estar presente a satisfação de trabalho e experimento, sendo algo essencial em tais atividades (Munné & Codina, 1996; Werneck, 2000).

Isto é, satisfazer as necessidades é de extrema importância e deve-se considerá-lo como critério essencial para cada pessoa. Desta forma, quando se fala de lazer, deve-se compreender em termo do tempo livre, referindo-se às atividades que cada pessoa dispõem ao seu tempo, aplicando ao descanso e diversão, independente do espaço ambiental que esteja sendo aproveitado. Se lazer privado – a própria casa, ou público – parques, quadras de esporte etc.,

estes devem atender a formação afetiva, intelectual e social das pessoas que fazem parte de seu cotidiano e sua relação social, podendo ir além das diferenças existente entre homens e mulheres a determinação de seus espaços físicos (Dumazedier, 1974/1999; Murillo, 1996).

De fato, se dedicar ao lazer após as atividades diárias, deve ser caracterizado como fenômeno de liberdade, não somente em termos subjetivos, mas também, objetivamente, encontrando um modelo da sociedade e suas respectivas mudanças. Assim, todo jovem quer ter seu lazer ou “matar o tempo”, tornando possível a produção de identidade grupal capaz de construir a realidade em que vivem, passando a valorizar os momentos da diversão e caracterizá-las como uma das grandes dimensões de sua vida, principalmente por desfrutar de autonomias distintas da sua família e escola (Pais, 1996), agindo assim, na formação de valores e inibição de comportamentos que visem a quebra das normas sociais.

No que diz respeito aos valores humanos, muitos enfoques tem sido dado a este tema, da sua função a estrutura, seja considerando sua relatividade ou universalidade (Gouveia, 1998). De modo geral os valores humanos têm sido definido como critérios que guiam o comportamento, desenvolvimento e manutenção das atitudes em relação às pessoas, eventos etc. (Tamayo, 1988), bem como, capaz de explicitar preferências e até de avaliação cognitiva (Lima, 1993). Rokeach (1981) acredita que a formação dos valores está sustentada em conteúdos cognitivos e afetivos podendo assim, determinar o comportamento do sujeito ou grupo. Para Schwartz (1992; Schwartz & Bilsky, 1987; Tamayo & Schwartz, 1993) os valores são expressos através de tipos motivacionais, que por sua vez, são universais.

Independente dos elementos que sejam adotados, tal construto é destacado pelos teóricos como uma das perspectivas teóricas muito importante na predição do comportamento humano.

Assim sendo, sabendo da diversidade de teorias sobre os valores (ver Gouveia, 1998; 293), pretende-se adotar uma perspectiva alternativa dos valores desenvolvida por Gouveia, o qual parte da seguinte definição: os valores humanos são como categorias de orientação consideradas como desejáveis baseados nas necessidades humanas e nas pré-condições para satisfazê-las, adotadas por atores sociais, podendo variar quanto à sua magnitude e aos elementos que a definem.

Para considerar tal definição é necessário tomar como referência a teoria das necessidades de Maslow (1954 / 1970), as quais tem os seguintes fundamentos: (1) as necessidades humanas são relativamente universais; (2) são neutras ou positivas; (3) obedecem a uma hierarquia; (4) o homem caminha em direção à auto-realização; e (5) a pessoa é um todo integrado e organizado. Em função da teoria, identificaram-se 24 valores básicos, descritos a seguir:

01. *Sobrevivência*: representa as necessidades mais básicas, como comer ou beber, cuja privação duradoura resultaria letal. Sua relevância parece evidente como um princípio-guia de pessoas ou culturas socializadas em um contexto de escassez ou que não dispõem na atualidade dos recursos básicos.

02. *Sexual*: representa a necessidade fisiológica que o organismo tem de sexo. Mostra-se como um padrão de orientação sobre tudo para jovens adolescentes ou pessoas que foram ou são privadas desse estímulo.

03. *Prazer*: corresponde à necessidade que o organismo tem de satisfação, entendida em termos amplos (comer, beber, se divertir, etc.). Ainda que este valor esteja relacionado ao anterior, sua especificidade radica em não ter uma fonte única e definida de satisfação.

04. *Estimulação*: as necessidades fisiológicas de movimento, variedade e novidade de estímulos são representadas por este valor. Tem de peculiar a ênfase em estar sempre ativo e ocupado, descrevendo alguém impulsivo.

05. *Emoção*: representa as necessidades fisiológicas de ter excitação e buscar experiências arriscadas. Difere do anterior principalmente pela ênfase no aspecto *risco* que precisa estar presente neste último valor. As pessoas que o adotam são menos dadas a conformar-se às regras sociais.

06. *Estabilidade pessoal*: a necessidade de segurança é parcialmente representada por este valor. Acentua ter uma vida organizada e planejada. Quem assume esta orientação procura assegurar sua própria existência.

07. *Saúde*: também representa a necessidade de segurança. A idéia é de procurar não estar doente. Seria alguém que percebe o drama pessoal da incerteza que a doença implica, estando por tanto orientado a buscar um nível ótimo de saúde que não ameace sua existência.

08. *Religiosidade*: mais um que representa a necessidade de segurança. É independente de preceito religioso, abrangendo conteúdo como: *crer em Deus como o salvador da humanidade* ou *cumprir a vontade de Deus*. Busca-se a certeza das coisas e a harmonia social suficiente para que viva tranqüilo.

09. *Apoio social*: igual aos três valores antes descritos, este também representa a necessidade de segurança. A ênfase é em *obter ajuda quando a necessite* e *sentir que não está só no mundo*. Significa encontrar apoio no seu contexto social, sem que exatamente exista implicação e relação íntima.

10. *Ordem social*: com este valor se completa a representação da necessidade de segurança. Destaca *viver em um país ordenado e estruturado*, e *ter um governo estável e eficaz*. Representa a escolha de uma pessoa orientada a manutenção dos padrões sociais que assegurem a possibilidade de viver dia após dia.

11. *Afetividade*: este valor e o seguinte representam a necessidade de amor e afiliação. Neste se acentua as amizades íntimas, as relações familiares e próximas, com troca de carinhos, afetos, prazeres e tristezas. Corresponde a uma esfera mais íntima da vida social.

12. *Pertença*: diferente do anterior que descreve relações pessoa-pessoa com uma ênfase no aspecto íntimo, este valor se centra na dimensão pessoa-grupo e tem um sentido socializador: *fazer parte de grupos sociais, conviver com os vizinhos*.

13. *Êxito*: a necessidade de estima é representada por este valor e pelos dois seguintes. Seu conteúdo destaca a idéia de ser prático e alcançar as metas auto-impostas. As pessoas que o adotam tem claro um ideal de triunfo, e tendem a se orientar nesta direção.

14. *Prestígio*: este valor tem de próprio a importância que se atribui ao contexto social; não é uma questão de ser aceito pelos demais, mas sim reconhecido publicamente. Neste sentido, quem o adota reconhece a importância dos demais, ainda que seja para seu proveito próprio.

15. *Poder*: define a noção de poder social (*ter poder para influenciar aos demais e controlar as decisões*) e autoridade (*saber que é o chefe de uma equipe*). É menos social que o anterior; quem dá importância a este valor pode prescindir da noção de poder legitimamente constituído.

16. *Maturidade*: a necessidade de auto-realização é representada por este valor. Trata de descrever um sentido de auto-satisfação ou cumprimento como ser humano (*desenvolver todas suas capacidades*). A pessoa que o considera importante como um princípio-guia tende a apresentar uma orientação social que transcende a pessoa ou o grupo em concreto.

17. *Autodireção*: este valor e o que vem a continuação representam a pré-condição de liberdade para satisfazer as necessidades básicas. Sua especificidade radica em destacar uma condição da natureza humana: a liberdade (*se sentir livre para vestir como queira, estar livre*

*para mover-se, ir e vir sem empecilhos*). Adotá-lo significa em certa medida reconhecer-se como auto-suficiente.

18. *Privacidade*: mais relacionado com o estilo de vida, este valor destaca da liberdade de ter um espaço privado, onde mantêm-se separados diferentes aspectos da vida (*ter uma vida privada alheia aos assuntos da comunidade, ter sua própria casa e receber nela só a quem deseje*). A pessoa que o adota não nega nem menospreza os demais, simplesmente reconhece os benefícios de ter seu próprio espaço.

19. *Justiça social*: representa a pré-condição de justiça para satisfazer as necessidades básicas, definindo condições mínimas de igualdade entre as pessoas. Contempla elementos como: *lutar por uma menor diferença entre ricos e pobres ou permitir que cada pessoa seja tratada como alguém valioso*. O indivíduo é considerado como um exemplar mais da espécie, tendo os direitos e deveres que correspondem a levar uma vida social digna.

20. *Honestidade*: este valor representa a pré-condição honestidade para satisfazer as necessidades. Destaca o compromisso da pessoa frente às demais, permitindo que se mantenha um contexto adequado para as relações pessoais (*agir responsabilmente quando dá sua palavra, ser honesto e honrado*). Com este valor se estabelece condição ótima para que as relações pessoais subsistam como um fim.

21. *Tradição*: este valor e o seguinte representam a pré-condição de disciplina no grupo ou na sociedade para satisfazer as necessidades humanas básicas. Neste caso específico, sugere a idéia de se conformar com os padrões morais seculares, favorecendo um mínimo de harmonia no âmbito social. A pessoa deve respeitar os símbolos e padrões culturais.

22. *Obediente*: destaca-se com este valor a importância de *cumprir seus deveres e obrigações do dia a dia e respeitar aos seus pais e aos mais velhos*. É uma questão de conduta do indivíduo, que deve assumir um papel e se conformar a hierarquia social tradicionalmente imposta.

23. *Sabedoria*: as necessidades cognitivas são representadas por este valor. Tem um caráter extra-social, não compreendendo exatamente o interesse de obter benefícios pessoais. Se pretende ter conhecimentos atuais, e sobre temas pouco conhecidos.

24. *Beleza*: este valor representa as necessidades de estética. Compreende uma orientação global sem interesses muito delimitados enquanto aos benefícios. Dois dos seus elementos são: *ser capaz de apreciar o melhor da arte, da música e da literatura, e ir a museus ou exposições onde possa ver coisas bonitas*.

Todos os 24 valores básicos são terminais por natureza e expressam princípios-guia, sendo vistos como substantivos (Rohan, 2000; Rokeach, 1973). Servem de categorias transcendentais que guiam as atitudes, as crenças e os comportamentos em situações específicas. Estes 24 valores dão origem a um sistema de valor, apresentando três critérios de orientação, os

quais são subdivididos, em cada um dos critérios, em duas funções psicossociais, formando um total de seis funções, como segue abaixo:

Valores Pessoais. As pessoas que normalmente assumem estes valores mantêm relações pessoais contratuais, geralmente procurando obter vantagens / lucros. A pessoa prioriza seus próprios interesses e concedem benefícios sem ter em conta uma referência particular (papel ou estado). Para Rokeach (1973) estes valores são vistos como tendo um foco intrapessoal. Em Schwartz (1994) tais valores atendem a interesses individuais. Considerando a sua função psicossocial, estes podem ser divididos em: (1) Valores de Experimentação: descobrir e apreciar estímulos novos, enfrentar situações arriscadas, e procurar satisfação sexual são aspectos centrais destes valores (emoção, estimulação, prazer e sexual); e (2) Valores de Realização: além da experimentação de novos estímulos, faz parte do universo desejável dos seres o auto-cumprimento, o sentimento de ser importante e poderoso, ser uma pessoa com identidade e espaço próprios (autodireção, êxito, poder, prestígio e privacidade).

Valores Centrais. A expressão “valores centrais” é usada para indicar o caráter central ou adjacente destes valores; eles figuram entre e são compatíveis com os valores *pessoais* e *sociais*, estes tratados a seguir. Em termos da tipologia de Schwartz (1990, 1994), tais valores servem a interesses mistos (individuais e coletivos). Considerando a sua função psicossocial, os valores centrais podem ser divididos em dois grupos de valores: (1) Valores de Existência: interessa garantir a própria existência orgânica (estabilidade pessoal, sobrevivência e saúde). A ênfase não está na individualidade pessoal, mas na existência do indivíduo. Assim, valores de existência não são incompatíveis com valores pessoais e sociais. Eles são importantes para pessoas, principalmente em ambientes de escassez econômica, mas sem colocar em risco a harmonia social; e (2) Valores Supra-pessoais. Pessoas que assumem estes valores tentam atingir seus objetivos independentemente do grupo ou condição social. Tais valores descrevem alguém que é maduro, com preocupações menos materiais, não sendo limitados a características descritivas ou específicas para iniciar uma relação ou promover benefícios (beleza, justiça social, maturidade e sabedoria). Estes valores enfatizam a importância de todas as pessoas, não exclusivamente dos indivíduos que compõem o in-group. Portanto, são compatíveis com valores pessoais e sociais. Embora Rokeach (1979) use a expressão valores supra-individuais, ele não se refere ao mesmo conteúdo aqui abordado. Espera-se que os tipos motivacionais segurança e universalismo, propostos por Schwartz (1992), correlacionem-se com as funções psicossociais existência e supra-pessoal, respectivamente.

Valores Sociais. As pessoas que assumem estes valores estão direcionadas para estarem com os outros. No estudo de Rokeach (1973), correspondem a valores de foco interpersonal, e

em Schwartz (1994) estão incluídos entre os valores relacionados com os interesses coletivos. Tais valores são assumidos por indivíduos que se comportam como alguém que gosta de ser considerado; que deseja ser aceito e integrado no in-group, ou que pretendem manter um nível essencial de harmonia entre atores sociais num contexto específico. Considerando sua função psicossocial, estes podem ser divididos em: (1) Valores Normativos: enfatizam a vida social, a estabilidade do grupo e o respeito para com os símbolos e padrões culturais que prevaleceram durante anos. A *ordem* é apreciada mais que tudo (obediência, ordem social, religiosidade e tradição); e (2) Valores de Interação: estes focalizam o destino comum e a complacência. Especificamente, a pessoa que o assume tem interesse em ser amada e ter uma amizade verdadeira, assim como tende a apreciar uma vida.

Frente ao apresentado previamente, os objetivos do presente trabalho são: comprovar o poder predito das funções psicossociais, bem como, os critérios de orientação valorativa em relação as dimensões das atividade dos hábitos de lazer.

## **DELINEAMENTO E HIPÓTESES**

O presente estudo é de tipo correlacional. A variável critério corresponde aos valores humanos, tendo como antecedentes as variáveis das dimensões das atividades dos hábitos de lazer. São igualmente considerados o gênero e idade dos sujeitos, desta forma, considera-se as seguintes hipóteses:

Hipótese 1: Quanto as funções psicossociais dos valores humanos, espera-se que a Experimentação e Realização possam predizer os hábitos de lazer hedonista e lúdico, porém, em relação ao lazer instrutivo, estas apresentaram um poder preditivo inverso. Já com as funções Normativo, Suprapessoal e Interacional acredita-se que prediga diretamente o hábito instrutivo, e inversamente, o hedonista e lúdico.

Hipótese 2: No que diz respeito aos critérios de orientação valorativa, é possível que tanto o critério Pessoal e Social poderão predizer os hábitos de lazer hedonistas, lúdico e instrutivos diretamente, por outro lado, o Suprapessoal o fará inversamente.

## MÉTODO

### Amostra

Participaram da pesquisa 710 sujeitos, entre estudantes de nível médio e fundamental das escolas pública e privada de João Pessoa, de ambos os gêneros, dos quais 49% eram homens e 51% mulheres, com idade variando de 11 a 22 anos ( $M = 15,26$ ;  $DP = 1,78$ ). Esta amostra é não probabilística, podendo ser definida como intencional, pois, foram consideradas as pessoas que, consultadas, dispuseram-se a colaborar respondendo o questionário que era apresentado.

### Instrumento

Os participantes responderam um questionário constando de duas partes:

Escala de Hábitos de Lazer, EHL. Elaborado originalmente em português por Formiga (2003), o instrumento é composto por 24 itens que avaliam as atividades de lazer assumido por cada sujeito a respeito da sua ocupação quando não estar fazendo nada (por exemplo, Ler livros, Ler revistas, Ir a igreja, Navegar na *internet*, Comprar roupas, etc.). Para respondê-lo a pessoa deve ler cada item e indicar com que frequência ocupa seu tempo quando está sem fazer nada, depois de todas suas obrigações cumpridas, utilizando para tanto uma escala de seis pontos, tipo Likert, com os seguintes extremos: **0 = Nunca** e **5 = Sempre**. Nesta versão procedeu-se sua validação semântica, para tanto foi considerada uma amostra de 20 sujeitos da população meta. Esta assegurou que tanto os itens como as instruções que os antecediam eram compreensíveis.

Questionário dos Valores Básicos – QVB. (Gouveia, 1998). Compõe-se de 24 valores, a pessoa que o responde deve indicar a importância que cada valor tem como princípio-guia na sua vida, adotando uma escala de resposta com os seguintes extremos: **1 = Nada Importante** e **7 = Muito Importante**; no final deve dizer qual é o mais e o menos importante de todos os valores, os quais receberão os pesos **0** e **8**, respectivamente.

Caracterização Sócio-Demográfica. Uma folha separada foi anexada ao instrumento prévio, onde eram solicitadas informações de caráter sócio-demográfico (por exemplo, idade, sexo, estado civil e classe social).

### Procedimento

Procurou-se definir um mesmo procedimento padrão que consistia em aplicar os instrumentos coletivamente em sala de aula. Um único pesquisador ficou responsável pela coleta dos dados; após conseguir a autorização do professor responsável pela disciplina, este se apresentava em sala de aula como interessado em conhecer as opiniões e os comportamentos das pessoas no dia a dia, solicitando a colaboração voluntária dos estudantes no sentido de responderem um questionário breve. Foi-lhes dito que não haviam respostas certas ou erradas, e

que respondessem individualmente; a todos era assegurado o anonimato das suas respostas, que seriam tratadas em seu conjunto. Apesar do questionário ser auto-aplicável, contando com as instruções necessárias para que pudesse ser respondido, o pesquisador esteve presente durante toda a aplicação para retirar eventuais dúvidas ou realizar esclarecimentos que se fizessem indispensáveis. Um tempo médio de 20 minutos foram suficientes para concluir essa atividade.

### **Tabulação e Análise dos Dados**

O pacote estatístico SPSSWIN, em sua versão 11.0, foi utilizado para tabular os dados e realizar as análises estatísticas descritivas, bem como os cálculos referentes a análise de regressão ( $R^2$ ).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com a finalidade de verificar as hipóteses propostas, as quais tinham o objetivo da comprovação preditiva entre os valores humanos e as dimensões dos hábitos de lazer, efetuou-se uma Análise de Regressão ( $R^2$ ), com o método Enter, a fim de prever uma relação funcional entre as variáveis estudadas (Barbosa, 1997; Levin, 1987).

Desta forma, tendo em vista esse objetivo observou-se que em relação ao hábito de lazer hedonista, as funções psicossociais que apresentaram Beta de regressão capaz de predizer tais hábitos foram: Experimentação ( $\beta = 0,18$ ) e Interacional ( $\beta = 0,18$ ) ( $R^2 = 0,10$ ;  $R^2_{Ajustado} = 0,09$ ;  $F(691/6) = 13,39$ ;  $p < 0,001$ ). Quanto os hábitos lúdicos, a função Interacional ( $\beta = -0,11$ ) predisse inversamente tais hábitos, já Experimentação ( $\beta = 0,22$ ) e Normativo ( $\beta = 0,11$ ) o fizeram diretamente ( $R^2 = 0,08$ ;  $R^2_{Ajustado} = 0,07$ ;  $F(673/6) = 9,58$ ;  $p < 0,001$ ). No que diz respeito aos hábitos instrutivos, estes, foram preditos diretamente pela função Normativo ( $\beta = 0,13$ ), Suprapessoal ( $\beta = 0,12$ ) e Interacional ( $\beta = 0,10$ ), enquanto Experimentação ( $\beta = -0,10$ ) a fez inversamente ( $R^2 = 0,13$ ;  $R^2_{Ajustado} = 0,12$ ;  $F(692/6) = 17,44$ ;  $p < 0,001$ ) (ver tabela 1).

**Tabela 1:** Análise Regressão para os indicadores do rendimento escolar, tendo como predictoras as funções psicossociais dos valores humanos.

Dimensões dos hábitos de Lazer	Predictoras	$\beta$	Beta	$t$
Hedonismo	Constante	1,01	----	3,60***
	Experimentação	0,18	0,24	6,17***
	Interacional	0,10	0,10	2,45**
	Realização	0,05	0,07	1,69
	Existência	0,04	0,05	1,11
	Normativo	0,03	0,05	1,26
	Suprapessoal	-0,03	-0,04	-0,98
Lúdico	Constante	1,29	----	4,16***
	Experimentação	0,22	0,27	6,83***
	Normativo	0,11	0,16	3,85***
	Interacional	-0,11	-0,10	-2,35**
	Suprapessoal	-0,05	-0,05	-1,29
	Realização	-0,02	-0,05	-1,24
	Existência	-0,002	-0,002	-0,04
Instrutivo	Constante	0,38	----	1,36*
	Normativo	0,13	0,20	4,91***
	Suprapessoal	0,12	0,14	3,33***
	Interacional	0,10	0,10	2,33**
	Experimentação	-0,02	-0,08	-2,08*
	Realização	0,04	0,001	0,02
	Existência	0,02	0,06	1,57

Notas: \*  $p < 0,05$ , \*\*  $p < 0,01$ ,  $p < 0,001$

Considerando os critérios de orientação valorativa, o peçoal ( $\beta = 0,30$ ) e social ( $\beta = 0,09$ ) ( $R^2 = 0,09$ ;  $R^2_{Ajustado} = 0,08$ ;  $F(691/3) = 22,18$ ;  $p < 0,001$ ) apresentaram Betas capazes de predizer os hábitos de lazer hedonistas. Em relação ao hábito lúdico, o critério valorativo peçoal ( $\beta = 0,17$ ) predisse diretamente e o central ( $\beta = -0,07$ ) apresentou um beta de regressão inverso ( $R^2 = 0,02$   $R^2_{Ajustado} = 0,02$ ;  $F(691/3) = 5,41$ ;  $p < 0,001$ ). Por fim, o hábito instrutivo, foi predito positivamente pelos critérios social ( $\beta = 0,26$ ) e central ( $\beta = 0,12$ ) e ( $R^2 = 0,12$ ;  $R^2_{Ajustado} = 0,12$ ;  $F(673/3) = 32,64$ ;  $p < 0,001$ ) (ver tabela 2).

**Tabela 2:** Regressão Linear dos critérios de orientação valorativa como explicadores dos explicadores das dimensões hábitos de lazer.

Dimensões dos hábitos de Lazer	Preditoras	$\beta$	Beta	$t$
Hedonismo	Constante	1,03	----	3,76***
	Pessoal	0,30	0,27	7,21***
	Social	0,09	0,10	2,38*
	Central	-0,03	-0,04	-0,98
Lúdico	Constante	1,08	----	3,47**
	Pessoal	0,17	0,15	3,64**
	Social	0,05	0,05	1,17
	Central	-0,07	-0,08	-1,97*
Instrutivo	Constante	1,03	----	3,76***
	Pessoal	-0,02	-0,03	-0,67
	Social	0,26	0,27	6,72***
	Central	0,12	0,14	3,38***

Notas: \*  $p < 0,05$ , \*\*  $p < 0,01$ , \*\*\*  $p < 0,001$

Com isso, a partir desses indicadores regressivos é possível que esses hábitos de lazer, sejam explicados a partir desse conjunto de valores. Assim, a investida em hábitos que visem critérios mais individualistas poderão orientar um tipo de lazer que enfatize a formação cultural e intelectual; da mesma forma, os valores sociais, os quais visam a relação grupal, valores estes que estão direcionados para vida partilhada com os outros, focalizando a relação interpessoal. Vale destacar que tais valores, também foram capazes de predizer hábitos de lazer hedonistas, os quais visam mais a satisfação pessoal e sua recompensa psicológica ou física do que ao do grupo.

O presente estudo procurou avaliar os critérios preditivos dos valores humanos em relação as atividades dos hábitos de lazer. Assim, espera-se que os objetivos aqui propostos tenham sido alcançados. Os resultados obtidos neste trabalho, embora parcialmente, permitiram confirmar as hipóteses formuladas, as quais foram: 1) as funções psicossociais dos valores humanos, Experimentação e Realização, explicaram os hábitos de lazer hedonista e lúdico, já em relação ao lazer instrutivo será predito inversamente; as funções Normativas, Suprapessoal e Interacional

explicarão o hábito instrutivo diretamente, e inversamente o hedonista e lúdico; 2) no que diz respeito aos critérios de orientação valorativa, o critério Pessoal e Social poderá predizer os hábitos de lazer hedonista, lúdico e instrutivo diretamente, já o Suprapessoal o fará inversamente.

De fato, considerar os valores humanos em seu conjunto contribuirá na formação e preparação das atividades de lazer que venham, além de divertir os jovens, também construí-lo em orientações socialmente aceitáveis, e um sujeito cidadão e politizado. Considerando tal afirmativa, pode-se tomar a diversão, das mais simples atividades a mais tecnológica, como um fenômeno que transcende a adaptação existosa dos jovens, mas que seja capaz de mudar crenças, atitudes, e até, valores (Munné & Codina, 1992), como também, conduzir a um efeito benéfico em relação aos fatores psicológicos e sociais (Codina, 1989) nas relações interpessoais do jovem.

Assim, para a ocorrência desses critérios interdependentes, os valores podem ser de grande utilidade, pois não só as orientações valorativas que mantêm relações pessoais contratuais, priorizando seus próprios interesses (valores pessoais), mas os que indicam uma relação com os outros, com foco na interpessoalidade e os interesses coletivos (sociais) podem predizer certas atividades de lazer, e isto independe de ser uma que busque o próprio prazer ou que vise uma formação cultural e educacional (ver tabela 2).

Desta forma, ao focalizar os valores na vida do jovem não somente aponta para sua construção moral e psicossocial, bem como, para a consistência de hábitos que o oriente a certas atividades de lazer diferenciadas: da leitura, passeio com amigos, visitas familiares ao abuso de bebidas, etc.; para isso, ao considerar esse construto psicossocial, o sujeito promove, também, um conhecimento no que diz respeito à aceitação e prática social na escolha para diversão (Argyle, 1991) ideal. Vale destacar que não se trata de tipos de lazer ruins, mas daqueles que mesmo visando a competição e o êxito, propicie a maturação de habilidades ainda não reconhecidas. Por exemplo, intervir nas atividades de lazer considerando os valores normativos (ênfaticam a vida social, a estabilidade do grupo e o respeito para com os símbolos e padrões culturais que prevaleceram durante anos) tanto contribui para a formação de um lazer lúdico quanto instrutivo. Desta maneira, o fenômeno da diversão segue um padrão valorativo, o de respeitar alguns símbolos e comportamentos tradicionais.

Ao considerar os critérios de orientação valorativa – pessoal, social e suprapessoal - observa-se que o hábito hedonista é predito pelo critério pessoal e social, isto é, esse tipo de lazer não diz respeito apenas as dimensões individualistas, mas também, as sociais para que ele seja realizado, tanto os critérios priorizando os próprios interesses do sujeito quanto os que focalizam as relações interpessoais e de grupo fomentam essas atividades. E isso não se refere somente as atividades hedonistas, mas as instrutivas, as quais para serem concretas dependem do sujeito e do seu grupo, afinal esses hábitos são construídos na sua interdependência (ver Formiga, 2003)

Sabe-se que o cotidiano das pessoas pode proporcionar atividades capazes de construir hábitos, seja para o indivíduo sozinho ou um grupo, capazes de formar costumes de prazer ou

aborrecimento, de informação e envolvimento social (Pais, 1998); tal fato busca a inserção social e cultural dos jovens, necessitando com isso, analisar tanto os tipos quanto à frequência desses hábitos de lazer neles, porém considerando para essa condição os valores humanos. Este construto, por ser sua natureza mais duradoura e universal (Rokeach, 1973) e como orientadores do comportamento humano, são capazes de modificá-los a partir da sua intervenção nas atitudes e comportamentos, assim, ao busca intervir nos hábitos de lazer deve-se considerar a autoconfortação dos valores humanos (Rokeach, 1973).

Os hábitos de diversão quando bem orientados são capazes de formar o jovem frente suas metas individuais e sociais, favorecendo comportamentos que caracterizam os fatores educacionais de uma pessoa, bem como seu interesse pessoal ou até sua relação social e afetiva. Atualmente, no que diz respeito às atividades de lazer, observa-se que os jovens se mostram muito extensos quanto ao tempo investido nessas atividades, buscam sensações individuais, mesmo estando em grupo, esquecendo sua perspectiva moral e valorativa (Formiga, Gouveia, Lüdke, Teixeira & Santos, 2002).

Caracterizar um jovem como desinteressado intelectualmente ou desqualificado em relação aos tipos de diversão é um grave problema que merece ser estudado, pois não somente se trata apenas dos fatores de personalidade (Argyle, 1992), mas das normas e valores que o orientam (Formiga, Queiroga, Socorro, Gouveia & Milfont, 2001). Tal fato é refletido muito bem por Espinosa (2000). Para esse autor, o hábito de lazer, especificamente do tipo vídeo game e programas de televisão, têm levado os jovens a se privarem de situações reais na sua própria vida, não os pondo em conflito com seus valores. Esses jogos apresentam apenas um objetivo, o de eliminar o inimigo, fazendo com que os conflitos comuns da idade pré-adolescente ou adolescente não venha a emergir, pois, tal fato se faz necessário para efeito de comparação entre suas escolhas, bem como, o que estas podem trazer para o indivíduo.

Com isso, não é percebida por eles a necessidade de mudança tanto no desenvolvimento individual quanto em sua habilidade social, tornando o jovem desprovido da vivência de novas fases em sua vida, levando-o a institucionalizarem um lazer característico da sua própria fase, apontando apenas para o rompimento das normas sociais (ver Formiga, 2003).

Espera-se que o objetivo deste trabalho tenha sido realizado. Não obstante o esforço despendido, devido a escassa bibliografia em relação aos valores humanos e hábitos de lazer, principalmente quanto ao seu fator preditivo, faz-se necessário reconhecer possíveis limitações como: qual a relação entre as atividades de lazer e dimensões individualistas (por exemplo, os traços de personalidade)? É possível a construção de um modelo teórico que sustente, teoricamente, traços de personalidade e valores humanos - já que estes construtos apresentam uma relação bem próxima (Gouveia, Pessoa, Queiroga, Milfont & Marques, 2002). Esses questionamentos poderão ser respondidos em pesquisas posteriores.

De fato, sabendo que nenhum jovem busca evitar o lazer, qualquer tipo que seja, promover programas interventivos baseado nos valores humanos, aponta não somente para a formação social desses adolescentes; como também, seu avanço perante uma sociedade que visa apenas investir em interesses e valores individualistas, onde o melhor mais competitivo é que importa, ao invés de um ser cooperativo e que vise uma atividade humanizada. Assim, buscar se divertir de maneira que esteja convergente diversão, formação social e saúde física e psicológica é enfatizar um ser auto-atualizado e maduro psicossocialmente.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Andrade, J. V. (2001). Os consumidores do lazer. Em: Lazer: Princípios, tipos e formas na vida e no trabalho (pp. 127-138). Belo Horizonte: Autêntica.

Argyle, M. (1992). Leisure. Em: The social psychology of everyday life (pp. 103-130). New York, NY: Routledge.

Barbosa, M. F. (1997). Introducción a la investigación: Métodos, Técnicas e Instrumentos.

Blauwkamp, J. L. & Shiner, K. J. (1996). The affect of leisure education on leisure attitudes. Leisure Research Symposium, 23-27 de outubro, Kansas City, MO. (página da WEB: <http://www.leisurestudies.uiuc.edu>, pesquisa realizada em 07.04.01.).

Codina, N. (1989). El deporte como actividad compensadora en el tiempo libre. Anuario de psicología, 40 (1), 19-24.

Codina, N. (1999). Los deportes de aventura como “ocio serio” y su impacto en la calidad de vida. Em: G. Nieto y E. Garcés (Eds.). Anais do VII congreso nacional de psicología de la actividad física y del deporte (pp. 166-172). Murcia: Sociedad murciana de psicología del deporte y de la actividad física.

Dumazedier, J. (1999). Sociologia empírica do lazer. São Paulo: Perspectiva. Publicado originalmente em 1974.

Espinosa, P. (2000). Razonamiento moral y conducta social en el menor. Tese de Doutorado. Universidade da Coruña, Espanha.

Fitzgerald, M.; Joseph, A. P.; Hayes, M. & O’regan, M. (1995). Leisure activities of adolescent schoolchildren. Journal Adolescence, 18, 349-358.

Fonta, E. V. (1997). La libertad en el ocio: Un problema psicosocial. Anais do VI Congreso Nacional de Psicología Social: Integración y desarrollo de la psicología social en una sociedad multicultural. Universidad del País Vasco, 29 de septiembre a 1 de octubre de 1997. Palacio de Miramar de San Sebastián.

Formiga, N. S. (2002). Há diferenças entre homens e mulheres quanto ao rendimento escolar? Revista de educação, 2 (2), 7-13.

Formiga, N. S. (2003). Escala das atividades de hábitos de lazer: Construção e validação em jovens. Manuscrito submetido a publicação, Revista de Psicologia da Vektor.

Formiga, N. S. (2004). O tipo de orientação cultural e sua influencia sobre os indicadores do rendimento escolar. Revista Psicologia: Teoria e Prática, 16 (1), 13-29.

Formiga, N. S., Gouveia, V. V., Lüdke, L. Teixeira, M. P. & Santos, W. D. (2002). Influência dos hábitos de lazer nas condutas anti-sociais e delitivas. Anais da XXXII Reunião anual de psicologia da sociedade brasileira de psicologia. Florianópolis, 23 a 26 de outubro de 2002, Florianópolis: SBP. [Resumos].

Formiga, N. S.; Gouveia, V. V. & Ghizoni, L. D. (2003). Os hábitos de lazer como inibidores dos comportamentos desviantes. III congresso norte-nordeste de psicologia. Construindo a psicologia brasileira: Desafios da ciência e prática psicológica (p. 297). João Pessoa - PB: Associação de pesquisa em psicologia. [Resumos].

Formiga, N. S.; Gouveia, V. V.; Omar, A.; Ferreira, K. C. & Prestes, L. I. N. (2002) Rendimento escolar e as dimensões de hábitos de lazer: Predizendo a eficácia entre êxito escolar e diversão para o jovem. Anais da XXXII Reunião anual de psicologia: sustentação científica da prática em psicologia. Florianópolis: SBP. . [Resumos].

Formiga, N. S.; Queiroga, F.; Socorro, T. C.; Gouveia, V. V. & Milfont, T. L. (2001). Prioridades valorativas e hábitos de lazer: considerações sobre o tempo livre em jovens. Anais da XXXI Reunião Anual de Psicologia: A construção da psicologia brasileira na pesquisa e no ensino. Rio de Janeiro: SBP. [Resumos].

Formiga, N. S.; Teixeira, J.; Curado, F.; Lüdke, L. & Oliveira, A. R. N. (2003). A predição das condutas anti-sociais e delitivas a partir dos traços de personalidade. Em: Anais da XXXIII Reunião anual da sociedade brasileira de psicologia. Psicologia: compromisso com a vida. (p. 381), Belo Horizonte – MG: Sociedade Brasileira de Psicologia. . [Resumos].

Formiga, N. S.; Teixeira, J.; Fachini, A. C.; Curado, F. & Lüdke, L. (2003). A predição dos hábitos de lazer a partir dos traços de personalidade. Em: Anais da XXXIII Reunião anual da sociedade brasileira de psicologia. Psicologia: compromisso com a vida. (p. 372), Belo Horizonte – MG: Sociedade Brasileira de Psicologia. . [Resumos].

Garcia, R. L. (1997). Preconceito no cotidiano escolar: ensino e medicalização. Educação e sociedade, 18 (59), 405-407.

Inglehart, R. (1991). El cambio cultural en las sociedades industriales avanzadas. Madri: Centro de Investigaciones Sociológicas / Siglo XXI Editores.

Inglehart, R. (1994). Modernización y post-modernización: la cambiante relación entre el desarrollo económico, cambio cultural y político. Em: J. Díez Nicolas y R. Inglehart (eds.). Tendencias mundiales de cambio los valores sociales y políticos. Madrid: Fundesco.

Leite, C. B. (1995). O século do lazer. São Paulo: LTr.

Levin, J. (1987). Estatística aplicada a ciências humanas São Paulo: Habra.

Marcelino, N. C. (2000). Lazer e humanização. Campinas, SP: Papirus. 3ª edição.

Maslow, A. H. (1970). Motivation and personality. New York: Harper & Row Publishers. Publicada originalmente em 1954.

Munné, F. & Codina, N. (1992). Algunos aspectos del impacto tecnológico en el consumo infantil del ocio. Anuario de psicología, 53 (2), 113-125.

Munné, F. & Codina, N. (1998). Psicología social del ocio y el tiempo libre. Em: Jose L. Álvaro, Alicia Garrido y José R. Torregrosa (Org.). Psicología social aplicada. (pp. 429-447). Madrid: McGraw-Hill.

Murillo, S. (1996). El mito de la vida privada: De la entrega al tiempo propio. Madrid: Siglo veintiuno.

Myers, D. (1999). O eu no contexto social. Em: Psicologia social. (pp. 22-37). Rio de Janeiro: LTC.

Pais, J. M. (1996). Culturas juvenis. Lisboa: INCM.

Pais, J. M. (1998). Gerações e valores na sociedade portuguesa contemporânea. Lisboa: ICS.

Perreira, J. V. (1987). Perspectivas do tempo livre para o lazer no Brasil. Boletim de Intercâmbio, 6 (32), 39-55.

Requixá, R. (1971). Características e funções do lazer. Boletim bibliográfico do sesc, 4, 31-34.

Rohan, M. J. (2000). A rose by any name? The values construct. Personality and Social Psychology Review, 4, 255-277.

Rokeach, M. (1973). The nature of human values. New York: The Free Press.

Shinew, K. J. & Valerius, L. (1996). Leisure interactions with family and friends. Leisure Research Symposium, 23-27 de outubro, Kansas City, MO. (página da WEB: <http://www.leisurestudies.uiuc.edu>, pesquisa realizada em 07.04.01.).

Tinsley, H. E. A. & Eldredge, B. D. (1995). Psychological benefits of leisure participation: A taxonomy of leisure activities based on their need-gratifying properties. Journal of counseling psychology, 42 (2), 123-132.

Werneck, C. (2000). Questões contemporâneas. Significados e relações constituídas entre o lazer e a recreação no Brasil. Em: Lazer, trabalho e educação: Relações históricas, questões contemporâneas (pp. 80-126). Belo Horizonte: UFMG.